



Síntese das discussões do 2º Simpósio Mundial MenEngage de 2014

Sessão: Masculinidades e Cultura

As dinâmicas da Cultura e do Género num Mundo Globalizado



Só para circulação interna

AS NOÇÕES TRADICIONAIS DA MASCULINIDADE ESTÃO SOB PRESSÃO

- A masculinidade projetada pelos dirigentes políticos na Índia navega entre o globalismo neoliberal e as normas familiares.
 - As estratégias da opressão criam novas masculinidades e afetam as mulheres em Peru.
 - Mais e mais jovens nas zonas urbanas da África do Sul opõem-se aos rituais de iniciação.
- Uma crescente comunidade de maridos “assediados” na Índia aproveita os novos meios de comunicação para tornar-se mais visível e organizada.

A sessão por convite 'Masculinidades e Cultura' realizada durante o 2º Simpósio Mundial da MenEngage 2014 – Homens e Meninos pela Justiça de Género, organizado em Nova Délhi de 10 a 13 de novembro, examinou como a natureza evolutiva do ambiente – a urbanização, as normas da família, as leis, o trabalho e a cultura de trabalho em evolução e as organizações religiosas estão mudando as masculinidades. Como explicou a Moderadora Rachel Ploem de Rutgers WPF, Holanda, “Estes são problemas da classe e cultura e também das hierarquias entre homens-mulheres e homens-homens, sem varrar estas questões complexas debaixo do tapete.” Oradores de várias partes do mundo falaram de como as percepções de masculinidade são influenciadas pelos contextos culturais e as suas transformações.

OS NOVOS SUJEITOS POLÍTICOS MASCULINOS CONCILIAM O MUNDIAL COMO NACIONAL

Sanjay Srivastava, Professor de Sociologia e Antropologia Social, Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Délhi, Índia, falou do que significa ser um homem dentro do contexto mais amplo que produz a masculinidade, seja este contexto a economia política, a neoliberalização, a economia global ou o estado. Ele o explicou com o exemplo da masculinidade dos dirigentes no poder que conseguiram com sucesso posicionar as suas masculinidades como sendo superiores. Por exemplo a masculinidade do Primeiro Ministro indiano, Narendra Modi, foi um elemento importante da campanha nas eleições nacionais de 2014. A personalidade de Modi foi projetada como masculino – um homem com peito de 56 polegadas.



Rapidamente o valor político da masculinidade de Modi projetado nos meios de comunicação tornou-se aceitável. As pessoas, incluídos os seus adversários, começaram a falar sobre isso, estes últimos o disputando e ao fazer isto reconhecendo-o inadvertidamente. O seu partido aproveitou a sua masculinidade, declarando que esta qualidade que o candidato possuía, traria a glória a Índia, sendo em si mesma determinante. “A masculinidade de Modi representa a restauração das velhas ideias do poder masculino no novo contexto da modernidade,” disse ele. **“Ele manifesta a personalidade de alguém que é energético e ao mesmo tempo é um consumidor,**

uma pessoa que exerce domínio sobre os espaços doméstico e globais,” disse Srivastava.

A FIGURA DO MARIDO INDIANO ASSEDIADO, JÁ NÃO É SÓ UMA PIADA

Srimati Basu, Professora de Estudos de Género e Mulher e da Antropologia da Universidade de Kentucky, EEUU, falou do fenómeno crescente na Índia dos grupos de homens que chamam-se Ativistas de Direitos de Homens (ADH). Eles questionam o conceito da igualdade de género, criticam as reformas feministas e procuram projetar-se como verdadeiras vítimas indefesas num mundo hostil.



“Tive conhecimento da existência destes grupos faz 20 anos em Nova Délhi quando vi a uma pessoa distribuindo cartazes que anunciavam uma marcha nacional para protestar a tortura pelas esposas,” disse Basu. Estes foram as primeiras manifestações dos movimentos jovens dos homens no final dos anos oitenta quando eles começaram a protestar contra a dote e as leis sobre a violência doméstica.

Obviamente estes grupos eram marginais e foram ridicularizados porque eles representavam às mulheres como gananciosas e aos homens como abjetos e por causa das suas teorias da perseguição. “Não pensei que estas representações tão misóginas seriam aceites culturalmente, mas nos últimos 20 anos estes grupos se organizaram bem e se tornaram visíveis,” disse Basu. Ela disse que tipicamente, estes homens são objetos de processos civis e penais

para a pensão alimentícia, alimentos em benefício dos filhos e a violência doméstica. Muitas vezes são detidos juntamente como os seus pais, irmãos e sobrinhos.

“Os materiais visuais que utilizam estes grupos são impressionantes. Um deles diz: “ Há casos de insanidade na minha família? Sim, o meu marido acha que ele é quem manda.”

“Os materiais visuais que utilizam estes grupos são impressionantes. Um deles diz:

“ Há casos de insanidade na minha família? Sim, o meu marido acha que ele é quem manda.”

Incluem engenheiros, dirigentes no setor de marketing, empresários, trabalhadores de informática, académicos e médicos. “Logo vi que estes homens começaram a criar comunidades entre eles por causa da rejeição que eles sofreram pelos seus próprios próximos” disse Basu. Em vez chamar-se ativistas eles se referem a si mesmos como pessoas que se opõem ao matrimónio. São pessoas que querem dizer “não” ao matrimónio como conceito. “Acho que é uma conversa interessante que devemos ter com o feminismo” disse ela

UMA CRESCENTE OPOSIÇÃO AOS RITUAIS DE INICIAÇÃO MASCULINA EM ÁFRICA DO SUL

Nolwazi Mkhwanazi, Antropóloga, Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul, falou do que aprendeu sobre as ideias culturais locais e o seu impacto nas regras de masculinidade em África do Sul, estudando a gravidez na adolescência. Ela centrou-se num grupo marginalizado de pessoas negras, pobres que se identificam como a Amatoso. Na comunidade de fala Khwana para se tornar um homem, um rapaz tem que submeter-se a rituais da iniciação celebrados no mato. Estes rituais incluem a circuncisão e o isolamento durante até quatro semanas. Os rapazes aprendem os seus papéis e as suas responsabilidades como homens. Ao se tornar um homem ele ganha o respeito da sociedade, pode casar-se, adquirir propriedade, celebrar rituais, participar na tomada de decisões em casa e na comunidade e quando morrer ele pode ser considerado um antepassado.

Alguns rapazes são sujeitas à mutilação genital e às vezes sofrem a morte também durante esta transição. No século 21, houve um aumento do número de

escolas e da atenção prestada aos vítimas dos rituais da iniciação. Em zonas rurais, os meninos de idade de menos de 10 anos fogem das suas casas para entrar nestas escolas. Nas zonas urbanas, no entanto mais meninos estão a questionar a iniciação. Esta oposição não passou despercebida e freqüentemente os meninos são raptados com o consentimento dos pais e são submetidos aos rituais da iniciação à força nestas escolas.

Uma das primeiras organizações que opôs-se aos rituais de iniciação foi a Planned Parenthood Association do África do Sul, que declarou que a circuncisão tradicional masculina é uma questão de saúde reprodutiva. Este passo foi apoiado pelos médicos e a discussão muito apaixonada que seguiu sobre o direito à saúde versus os direitos culturais resultou na aprovação da Lei sobre a Aplicação de Normas Sanitárias na Circuncisão Tradicional em 2001. Em vez de proibir esta prática, a legislação visou proteger os direitos de saúde e as condições financeiras dos iniciados. A lei foi considerada pelos dirigentes tradicionais como “um insulto à nossa tradição”.



Mkhwanazi disse, **“Estes rituais transmitem os valores sobre a hierarquia social e do género. A iniciação é uma ferramenta crítica para preservar o poder da gerontocracia influenciada pelo género e reproduz a ordem que permite que os homens recebendo a iniciação esperem a obediência da parte dos jovens, mulheres e meninos.”**

Os jovens nas zonas urbanas que opõem-se à iniciação indicaram que no contexto dado, ter dinheiro e ostentar a sua riqueza através do consumo ostensivo lhes outorga o status dum homem – é a alternativa urbana para adquirir o status sem a iniciação. Neste cenário os homens que têm muitas namoradas são respeitados. A consequência destas atitudes é gravidez precoce entre adolescentes, fora do casamento. Como a maioria dos jovens rejeitam a

para a pensão alimentícia, alimentos em benefício dos filhos e a violência doméstica. Muitas vezes são detidos juntamente com os seus pais, irmãos e sobrinhos.

“Os materiais visuais que utilizam estes grupos são impressionantes. Um deles diz: “ Há casos de insanidade na minha família? Sim, o meu marido acha que ele é quem manda.”

“Os materiais visuais que utilizam estes grupos são impressionantes. Um deles diz:

“ Há casos de insanidade na minha família? Sim, o meu marido acha que ele é quem manda.”

Incluem engenheiros, dirigentes no setor de marketing, empresários, trabalhadores de informática, académicos e médicos. “Logo vi que estes homens começaram a criar comunidades entre eles por causa da rejeição que eles sofreram pelos seus próprios próximos” disse Basu. Em vez chamar-se ativistas eles se referem a si mesmos como pessoas que se opõem ao matrimónio. São pessoas que querem dizer “não” ao matrimónio como conceito. “Acho que é uma conversa interessante que devemos ter com o feminismo” disse ela

UMA CRESCENTE OPOSIÇÃO AOS RITUAIS DE INICIAÇÃO MASCULINA EM ÁFRICA DO SUL

Nolwazi Mkhwanazi, Antropóloga, Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul, falou do que aprendeu sobre as ideias culturais locais e o seu impacto nas regras de masculinidade em África do Sul, estudando a gravidez na adolescência. Ela centrou-se num grupo marginalizado de pessoas negras, pobres que se identificam como a Amatosa. Na comunidade de fala Khwana para se tornar um homem, um rapaz tem que submeter-se a rituais da iniciação celebrados no mato. Estes rituais incluem a circuncisão e o isolamento durante até quatro semanas. Os rapazes aprendem os seus papéis e as suas responsabilidades como homens. Ao se tornar um homem ele ganha o respeito da sociedade, pode casar-se, adquirir propriedade, celebrar rituais, participar na tomada de decisões em casa e na comunidade e quando morrer ele pode ser considerado um antepassado.

Alguns rapazes são sujeitas à mutilação genital e às vezes sofrem a morte também durante esta transição. No século 21, houve um aumento do número de

escolas e da atenção prestada aos vítimas dos rituais da iniciação. Em zonas rurais, os meninos de idade de menos de 10 anos fogem das suas casas para entrar nestas escolas. Nas zonas urbanas, no entanto mais meninos estão a questionar a iniciação. Esta oposição não passou despercebida e frequentemente os meninos são raptados com o consentimento dos pais e são submetidos aos rituais da iniciação à força nestas escolas.

Uma das primeiras organizações que opôs-se aos rituais de iniciação foi a Planned Parenthood Association do África do Sul, que declarou que a circuncisão tradicional masculina é uma questão de saúde reprodutiva. Este passo foi apoiado pelos médicos e a discussão muito apaixonada que seguiu sobre o direito à saúde versus os direitos culturais resultou na aprovação da Lei sobre a Aplicação de Normas Sanitárias na Circuncisão Tradicional em 2001. Em vez de proibir esta prática, a legislação visou proteger os direitos de saúde e as condições financeiras dos iniciados. A lei foi considerada pelos dirigentes tradicionais como “um insulto à nossa tradição”.



Mkhwanazi disse, "Estes rituais transmitem os valores sobre a hierarquia social e do género. A iniciação é uma ferramenta crítica para preservar o poder da gerontocracia influenciada pelo género e reproduz a ordem que permite que os homens recebendo a iniciação esperem a obediência da parte dos jovens, mulheres e meninos."

Os jovens nas zonas urbanas que opõem-se à iniciação indicaram que no contexto dado, ter dinheiro e ostentar a sua riqueza através do consumo ostensivo lhes outorga o status dum homem – é uma alternativa urbana para adquirir o status sem a iniciação. Neste cenário os homens que têm muitas namoradas são respeitados. A consequência destas atitudes é gravidez precoce entre adolescentes, fora do casamento. Como a maioria dos jovens rejeitam a

